

## **A PLASTICIDADE DO CORPO: CORPO E TECNOLOGIA EM “THE CHANCE”**

### **THE BODY’S PLASTICITY: BODY AND TECHNOLOGY IN “THE CHANCE”**

**Aline Amsberg de Almeida**

Mestranda em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP/FAPESP)

Projeto Temático Escritas da Violência

alineamsberg@gmail.com

#### **RESUMO**

Em 1979, foi publicado pela primeira vez o conto “The Chance”, escrito pelo australiano Peter Carey. O conto contextualiza uma Loteria Genética instalada na Terra por alienígenas. A Loteria é uma espécie de empresa com muitas filiais, os Centros de Chance: lugares no qual o usuário tem a possibilidade de trocar de corpo. Para uma análise literária neste artigo, reflete-se sobre o que a literatura fornece a pensar, o que o conto diz sobre o corpo humano, sobre os alienígenas e sobre a genética e como essas tecnologias podem efetivamente aumentar a potência da plasticidade do corpo. Considera-se para esta análise, principalmente, os seguintes aspectos: a) a troca de corpo, que tanto mostra a plasticidade desse corpo aliada à sua capacidade de mutação, quanto ataca a idéia das identidades fixas e imutáveis; b) a manipulação do corpo, quem nela opera e por quem ela é feita; c) até onde é possível que as novas tecnologias possam mesclar-se ao corpo de modo que possa habitar as máquinas e permita que elas o habitem.

**Palavras-chave:** Corpo. Tecnologia. Plasticidade. Peter Carey.

#### **ABSTRACT**

In 1979, it was published at the first time the tale “The Chance”, written by an Australian Peter Carey. The tale involves a Genetic Lottery set on Earth by aliens, where the user has the possibility to change his body. To a literary analysis in this paper, it is reflected about what the literature supply to think; what the tale says about the human body; about the aliens and about the genetic and how these technologies can to increase the power of body’s plasticity. It is considered to this analysis mainly these followed aspects: a) the body’s change, that shows

the plasticity of this body, with its mutation capacity as it attacks the idea of the fixed identities. b) The body's manipulation who makes it and to whom it is done. c) Until where it is possible that new technologies can to mix themselves to the body so that it can to live the machines and let them to live in it.

**Key-words:** Body. Technology. Plasticity. Peter Carey.

## O GENOMA HUMANO

*Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos*, adotada unanimemente por aclamação, em 11 de novembro de 1997, pela 29ª. sessão da Conferência Geral da UNESCO:

### Artigo 1

O genoma humano constitui a base da unidade fundamental de todos os membros da família humana bem como de sua inerente dignidade e diversidade. Num sentido simbólico, é o patrimônio da humanidade.

### Artigo 2

a) A todo indivíduo é devido respeito à sua dignidade e aos seus direitos, independentemente de suas características genéticas.

b) Esta dignidade torna imperativa a não redução dos indivíduos às suas características genéticas e ao respeito à sua singularidade e diversidade.

### Artigo 3

O genoma humano, evolutivo por natureza, é sujeito a mutações. Contém potencialidades expressadas de formas diversas conforme o ambiente natural e social de cada indivíduo [...].

### Artigo 4

O genoma humano em seu estado natural não deve ser objeto de transações financeiras. (GARRAFA; PRADO; TAPAJÓS, 2005)

## A LOTERIA GENÉTICA

Desde que os *Fastalogians* desceram do espaço e instalaram-se na Terra, trocar de corpo tornou-se tão ou mais fácil do que mudar de roupa. Os seres humanos foram apresentados a um novo tipo de loteria: a Loteria Genética ou a *Chance*:

então agora, por dois mil dólares intergalácticos (IG\$ 2,000) podíamos entrar na Loteria e sair com uma idade diferente, um corpo diferente, uma voz diferente e ainda carregar nossas memórias [...] mais ou menos intactas (CAREY, 1993, p. 57)<sup>1</sup>

Assim explica Paul, narrador e protagonista do conto “The Chance”, publicado em 1993 no livro *The Fat Man in History*, logo nas primeiras páginas da história. É também no início da narrativa que Paul relata, sem qualquer entusiasmo nem espanto, como os Fastas chegaram ao planeta Terra e nele fizeram morada e negócio. No começo, a tecnologia Fasta era preferível às outras já conhecidas, e os próprios alienígenas eram preferíveis aos americanos, com seus televisores, e seus “modelos de carro do ano e isqueiros de duração bi-semanal”, como declara o narrador (1993, p. 56).

A comparação entre a colonização alienígena e a colonização americana continua: em aparência, os Fastas eram muito menos ameaçadores do que os americanos. A ameaça era sutil, mesmo sendo difícil acreditar neles, por conta do modo infantil como vestiam suas roupas, por exemplo, ou da sua música, que “não era a música de um opressor desumano,” mas fazia pensar nos sentimentos que carregavam seres que estavam tantos anos-luz longe de casa (ibidem). Contudo, eram suficientemente persuasivos para controlar toda a raça humana com sua tecnologia de manipulação genética.

A Loteria Genética era obviamente um truque, ressalta o narrador. Porém a falta de argumento de seres tão “acostumados a não entender”, fazia com que todos realizassem suas *Chances* (assim eram chamadas as trocas de corpo feitas na Loteria) sem fazer perguntas. E não perguntar havia se tornado hábito a partir da compra dos aparelhos de TV americanos, uma tecnologia impossível de entender ou controlar (CAREY, 1993). Falta de entendimento, ou capacidade de entendimento, que talvez viesse do desinteresse na maneira como as coisas funcionavam – desde as folhas caindo das árvores até as astronaves descendo do espaço.

Portanto, a preparação dos humanos para receber uma tecnologia como a Loteria Genética resumia-se a uma atrofia da curiosidade tamanha que “era suficiente que alguém em algum lugar entendesse essas coisas” (CAREY, 1993, p. 59). Não se sabia, nem havia qualquer interesse em saber, “os nomes das partículas subatômicas das quais [os] próprios corpos eram compostos” (Id., p. 57). O funcionamento tanto das árvores e dos televisores quanto dos corpos humanos eram irrelevantes, explica Paul, numa época de confusão, de fragmentação e da busca desesperada pela próxima *Chance*.

Outra busca desesperada ocorreu, por assim dizer, fora da literatura e teve seu ápice em 2001, quando foi anunciado o primeiro mapa completo do genoma humano (KECK; RABINOW, 2008); a corrida pela cartografia do DNA humano. O genoma é aquilo que carrega toda a informação hereditária de uma pessoa. 2% desse genoma são compostos pelos genes, ao passo que os outros 98% são a porcentagem do genoma que foi chamada, em 1920, de ADN-lixo ou *junk DNA*, por ainda não ter uma função definida pela ciência.

O DNA é uma molécula formada por muitas unidades que se repetem – os nucleotídeos, diferenciados entre si pela presença de uma das 4 bases nitrogenadas: guanina, adenina, timina e citosina, as conhecidas siglas ACT e GO. O Genoma humano é composto de 23 pares de cromossomos, estes contêm os genes e toda essa informação é codificada no DNA. É a combinação ou seqüenciação, ou seja, a ordem desses pares de bases na cadeia do DNA, que torna os seres humanos diferentes entre si. Estes são os genes humanos, uma verdadeira análise combinatória, como os números de uma loteria.

O que se passa com os outros 98% do genoma? Ainda não se sabe. Ou seja, se conhece apenas 2% da função das partículas subatômicas de que o corpo é composto. Porém, no que concerne a essa pequena percentagem, muito poucos são os que sabem explicar o que efetivamente são tais componentes químicos, e, grande é o número dos que gostariam de recombiná-los, mudar seu corpo, fazer uma *Chance*.

Paul Rabinow e Frederick Keck, em texto publicado em 2008, perguntam: “em que é que a genética nos diz respeito?” (2008, p. 84), ou seja, o que no genoma liga os seres humanos entre si de forma a uni-los por meio de algo que não enxergam, embora acreditem? Paul, no conto de Carey, complementa: “se nos dissessem que podíamos comprar uma segunda ou terceira *Chance* na Loteria, a maioria de nós aceitaria, mesmo que não soubéssemos como funcionava ou se funcionava do modo como eles diziam” (CAREY, 1993, p. 56). De alguma forma, a Loteria Genética liga os seres humanos – e somente os seres humanos – por meio do que há em comum neles: o genoma.

Nenhum dos personagens do conto, em qualquer momento, reivindicou seus direitos sobre o próprio material genético. A crença cega na próxima *chance* e a atrofia na curiosidade parecem abafar qualquer preocupação referente ao assunto, ou qualquer impulso para um movimento que não seja aquilo que alguns grupos idealistas chamam de “revolução”. A manipulação genética é prontamente aceita em nome de um propósito pessoal (ainda que possa ser ditado por um grupo). Afinal, o que no genoma é efetivamente humano e individual? O que nele dá, e a quem, o direito ou propriedade para modificá-lo, manipulá-lo e comercializá-lo?

Pensando nisso, Jean Baudrillard (2001, p. 28) provoca: “compartilhamos 98% dos nossos genes com os gorilas e 90% deles com os ratos. Baseado nessa herança comum, que direitos devem reverter para os gorilas e os ratos?”. Em “The Chance” (1993), a Loteria Genética é usada somente pelos seres humanos, excluindo alienígenas e animais, o conto traz então, através do genoma, aquilo que liga os humanos – a vontade de mudar o corpo, o

ímpeto de ativar essa plasticidade através da tecnologia, ou seja, a mutação no que se chama de “meu corpo” é possível, e ressalta-se que nos dias atuais essa possibilidade é infinitamente alargada, graças ao avanço científico.

Lugar da formação do “eu”, o corpo genético é exposto no palco das ciências médicas, políticas, econômicas e tecnológicas, de forma que o estudo da genética venha de fato transformando o olhar sobre o homem (KECK; RABINOW, 2008). O corpo precisa passar pela genética para que possa tornar-se visível, tanto no cenário social quando no da economia e do direito. Visibilidade que quebra as fronteiras da pessoa inviolável (KECK; RABINOW, 2008, p.105), ao subir neste palco, exteriorizando o que tem de mais íntimo aos olhos da ciência.

Declarado o genoma humano como patrimônio da humanidade, a quem fica o direito de nele intervir ou de proibir sua intervenção? De qual humanidade se está falando e quem está inserido nela de modo que possa fazer uso desse direito? Assim, Peter Carey (1993) traz à Terra os não-humanos, os alienígenas, os inscritos fora da humanidade, para inserir mutações no genoma e usar um direito do qual estão destituídos ao manipular o corpo humano geneticamente. E pergunto quem são esses *aliens* que tomam tão sutilmente e quase à força o corpo humano e seu material genético, declarando-o patrimônio universal?

Aparentemente, fazer uma *Chance* é um ato facultativo, uma escolha. Contudo, ao longo da narrativa, através dos olhos do protagonista, percebe-se o cair da máscara: entrar na Loteria não é tão facultativo assim. Afinal, tão logo os *Fastalogians* chegaram à Terra, as mutações genéticas começaram a se multiplicar, proliferando-se no cenário urbano. A confusão se generalizou e a *Chance* tornou-se praticamente um vício.

Caiu a última gota. O acolhimento total de uma filosofia cancerosa de mudança. As pessoas tornaram-se como mercúrio nas mentes e braços umas das outras. [...] Aqui também estavam os sinais da fragmentação, da confusão religiosa, de seitas decadentes e estritas. [...] Era um grupo irritadiço e desconfiado que formava nossa sociedade, motivado por nada além de sua auto-preservação e a fé cega em sua próxima Chance (CAREY, 1993, p. 57).

As implicações da tecnologia no corpo causam essa “confusão” por dissolverem fronteiras outrora mais definidamente delimitadas. Vem-se assistindo a uma transposição de limites pela ciência contemporânea em uma velocidade sem precedentes, a quebra de barreiras milenares é colocada em frente aos olhos de todos diariamente, causando uma espécie de incômodo, talvez, derivado da impotência que o expectador experimenta.

## A ECONOMIA DO MATERIAL GENÉTICO

A teoria do capital humano, surgida a partir do neoliberalismo americano, agrega à análise econômica campos até então considerados não-econômicos, como o trabalho, a educação, o consumo (como consumo de satisfação), a criminalidade, entre outros. Para isso, segundo Foucault (2008, p. 308), foi preciso que a economia se situasse do ponto de vista do trabalhador, do aluno, do consumidor, do traficante etc. O trabalhador, por exemplo, precisa ser visto como um “sujeito econômico ativo”. Deste ponto de vista, o trabalho gera para o trabalhador uma renda, o salário como renda fruto do capital humano. Assim como o consumo deve gerar para o consumidor uma renda fruto também de um investimento em capital, uma renda de satisfação pessoal; ao passo que a mãe que cria um filho garante a sua renda psíquica.

O casamento, por exemplo, compõe uma unidade de produção, um contrato que permite fazer uma “economia dos custos de transação” (Id., p. 336-337). Paul e Carla firmam esse contrato de casamento indo morar juntos depois de uma história “longa e previsível” omitida pelo narrador. O contrato, para Paul, constituía a supressão da transação: eu fico com você, arrumo sua casa e faço sua comida, e você, de sua parte, desiste de fazer a *Chance* e permanece com o corpo que tem para que eu também possa fazer uso dele. Mas isso não era dito explicitamente.

Assim que os dois decidem morar juntos, inicia-se o contrato, juntando ambas as partes: “para resumir uma história longa e previsível, nos demos bem juntos, se deixarmos de lado a mentira ímpar de minha parte e o que deve ter sido mais do que uma considerável supressão de senso-comum da parte dela” (CAREY, 1993, p. 65). Ou seja, ambas as partes contratuais concordam em suprimir a realização de transações e se conformam com a vida de casal:

não mencionei nada sobre os Hups ou a revolução e ela, fazendo sua parte, parecia haver esquecido o assunto. Minha suposição [...] era que ela adiaria sua *Chance* indefinidamente. As pessoas raramente pulavam nos rigores da Loteria quando estavam felizes com suas vidas. Eu estava deliciado com a minha e supunha que ela estava também com a dela (CAREY, 1993, p. 66, ênfase minha).

A discussão sobre fazer ou não fazer uma *Chance* surgira logo no primeiro encontro, quando Carla revelou a Paul seu desejo de trocar de corpo e ele, por sua vez, respondeu que ela tinha um corpo bonito, querendo dizer que uma troca seria desnecessária. Isso desencadeou uma longa discussão acerca de conceitos de beleza, acabando numa conversa

rápida sobre a experiência de fazer uma *Chance* e o que aconteceria caso o contrato de casamento fosse firmado.

Comportamento social tradicionalmente não-econômico, o casamento passa, na visão neoliberal, a ser analisado em termos econômicos. Afinal, o que funda um contrato de longo prazo como este, diz Foucault (2008, p. 336), é a possibilidade de “evitar renegociar a cada instante e sem parar os inúmeros contratos que deveriam ser firmados para fazer a vida doméstica funcionar”. O contrato de casamento resolve, então, o problema do custo econômico, derivado das constantes renegociações que seriam feitas pelo casal fora de um laço como este.

A sociedade atual que tem por base a desigualdade, como descrita no conto e como se percebe hoje, é bem enfatizada por Foucault (2008, p. 196) ao dizer que “uma política econômica [...] deve deixar a desigualdade agir”. No conto “The Chance” (1993), é visível essa desigualdade principalmente quando o narrador explica que a *Chance* custa IG\$2.000, ou seja, nem todos têm acesso à tecnologia: só entra nessa roleta russa quem pode. É nessa sociedade empresarial que se encontra o indivíduo capaz de produzir a si mesmo – o empresário de si mesmo precisa investir em seu capital humano desenvolvendo suas competências e habilidades para estar sempre no jogo. Carla, no conto, como boa empresária de si mesma, investe em seu capital humano ao reunir-se com os *Hups*, planejar a revolução, e preparar-se para usar a tecnologia oferecida pelos *Fastas* para trocar de corpo.

Foucault (2008, p. 312-313) ressalta, ironicamente, “é evidente que não temos que pagar pelo corpo que temos, ou que não temos que pagar pelo equipamento genético que é nosso. Isso tudo não custa nada. Bem, não custa nada – será mesmo?”. Para Paul, transformar seu equipamento genético, sua máquina, significava um custo, já que eram necessários certos sacrifícios em vista da *Chance*: “um engradado de cerveja me colocava para dormir. Eu não tinha dinheiro para drogas mais requintadas e deveria estar economizando para uma *Chance*. Mas guardar dólares para uma *Chance* significava seis meses sem um trago ou qualquer outro consolo” (CAREY, 1993, p. 55). Mesmo assim, a “Loteria era a vida naqueles dias e todos nós, ou a maioria, estávamos guardando dinheiro para fazer outra *Chance*” (CAREY, 1993, p. 62), ou seja, uma vez dentro do jogo, compactua-se com as regras. É o homem que investe em si mesmo, em seu próprio capital: o homem econômico.

Grandes investidores são também, segundo Foucault (2008, p. 316-317), os migrantes, aqueles indivíduos com capacidade de deslocamento e adaptação. Portanto, a migração é um custo, um investimento que faz do migrante, claro, um investidor em seu capital humano. Os *Fastas* aqui também são migrantes, investindo nas suas competências ao ganhar dinheiro dos humanos operando na manipulação de seu corpo; viajando para outros

planetas. E também investindo no capital humano que encontram na Terra, os indivíduos-empresa-alienígenas manipulam justamente aquilo que une todos os seres humanos: seu genoma. Logo, o investimento em capital humano gera renda para os *Fastalogians*, decorrente do controle do corpo, feito através da sua invasão: invasão do corpo, controle genético, Loteria Genética. O que acarreta então a “balança de pagamento intergaláctico altamente favorável”, colocada por Paul ao explicar que, para os *Fastalogians*, os seres humanos são *nada mais do que gado*”, por exercerem essa função econômica (CAREY, 1993, p. 57).

Esse “gado” está presente nas relações entre governantes e governados, também, fora da literatura. O que fazem as políticas públicas, por exemplo, ao criar campanhas de prevenção de doenças, programas visando à boa alimentação (ou somente alimentação para aqueles que não conseguem usar suas competências em conseguir a própria), ao incentivar o uso da camisinha, promover a boa educação, a educação superior, continuada, à distância, alertar para a segurança doméstica, expandir a inclusão digital, proibir ou reprimir o uso de drogas lícitas e ilícitas, ao multiplicar os sistemas de vigilância, senão alimentar, tratar e vacinar o “gado” para que ele sirva para alguma finalidade?

Em “The Chance” (1993), o investimento em capital humano vem de fora, um investimento que também é fruto da tecnologia e seu avanço, relegando assim os humanos à mera condição funcional de “gado”, gerador de renda, ou “fluxos de renda”, como coloca Foucault (2008, p. 309-310). Tais “fluxos de renda” são produto de uma máquina, o homem-máquina é entendido aqui como corpo que se une à tecnologia, aparecendo também na ficção científica. Contudo, a função de “gado” no conto caracteriza os parceiros ideais dos governantes no tipo de governamentalidade<sup>2</sup> baseada no modelo econômico, o homem econômico, aquele que é seu próprio capital e investe em si mesmo. Carla encontra a possibilidade de investir em si mesma, por exemplo, comprando um corpo morto no necrotério, como explica ao narrador em seu primeiro encontro: “Comprei por três IGs [...] o melhor investimento que já fiz.” E assim, conquista imediatamente Paul, que “admirava a astúcia naqueles dias, movimentos espertos, cartas do fim do baralho, qualquer coisa que enganasse os bastardos – e ‘os bastardos’ eram todos que não eu” (CAREY, 1993, p. 59).

Nos dias atuais, é alarmante a semelhança entre ficção científica e realidade (e trato aqui como “realidade” aquilo que não é ficção literária). O controle sobre a vida e sobre a morte, com suas múltiplas variações, invade o cotidiano, administrando processos biológicos e manipulando a vida, como fazem os alienígenas no conto “The Chance”. É a tomada de poder sobre o corpo vivo, sobre a vida do homem de que fala Foucault (2001, p. 134). O corpo-máquina e o corpo-espécie (suporte dos processos biológicos) são alvos de dominação



tanto no âmbito da ficção quanto fora dela – na assim chamada “realidade” – sendo as disciplinas dominações voltadas para o corpo-máquina, o individual, e as biopolíticas (regulações da população) voltadas para o corpo-espécie, a gestão da população. A disciplina, contudo, não fica de fora da biopolítica, pelo contrário, é por causa dela que a biopolítica encontrou vias de implantação, visando a um controle tanto do indivíduo quanto da população: “[a]s disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (2001, p.131).

O biopoder é fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, ele objetiva multiplicar e fazer crescer a vida; produzir e incrementar as relações de forças. Sua função é investir sobre a vida, sua gestão calculada, utilizando técnicas para o aumento da força, utilidade e docilidade dos corpos sem diminuir sua sujeição. No conto “The Chance” (1993), as pessoas compravam as *Chances* quase como bens de consumo, não discutiam a espera de 6 meses pela próxima *Chance*, não reclamavam o corpo que ganhavam, mas estavam sempre motivadas a juntar dinheiro para comprar outra passagem pela Loteria. Os grupos, sim, brigavam entre si e também faziam suas reuniões, como os *Hups*, que se encontravam para falar da *Chance* como meio de realizar a revolução através dos corpos deformados que conseguiam na Loteria, como conta Paul. O corpo considerado monstruoso é o objetivo dos *Hups*, que pretendem fabricar o monstruoso, ou melhor, serem fabricados como deformidades que marcam sua alteridade:

na noite seguinte, cheguei em casa e encontrei o lado de fora da casa alaranjado brilhante e o lado de dentro preenchido com uma coleção de pessoas tão romanticamente feias quanto nenhuma que eu já avistara [...] Falhas e enfermidades eram mostradas com um orgulho que seria estranho a qualquer um que não fosse um Hup. [...] Um anão deitava-se em uma cadeira de estilo dinamarquês [...] Ao lado dele [...] estava [...] Daniel. Os buracos grotescos em seu rosto orgulhosamente acentuados pelo uso sutil de maquiagem [...] Então, uma mulher alta e magra com a mais protuberante curvatura da espinha e um rosto macilento dominado pelo mais extraordinário nariz-de-gancho (CAREY, 1993, p. 70-71).

Os corpos que passam pela *Chance* estão circunscritos na esfera de alcance dos mecanismos de poder. Submetem-se à tecnologia que controla, embora não totalmente, a vida, o homem e seu material genético. Quem é o dono da informação genética do corpo humano? No conto, os *Fastas* figuram como controladores da genética da população, são os únicos capazes de intervir no corpo. E de onde vêm esses controladores? Certamente, como coloca Paul, de fora da Terra, de “mundos inimagináveis”, já que talvez seja por demais problemática a decisão de dar ao homem o direito sobre o humano.

## A SÍNDROME DE FRANKENSTEIN

Cunhada por David Le Breton em 1993, a síndrome de Frankenstein é caracterizada por Steven Best e Douglas Kellner (2001, p. 162) como a obsessão científica em controlar a vida, ou os processos naturais, como denominam os autores, “a busca indiscriminada de conhecimento, separada de um cuidado ético, político e conseqüências potenciais”. Desse modo, aplicam-se hoje as figuras de Victor Frankenstein e de sua criatura aos estudos e pesquisas científicas que visam não apenas conhecer os processos orgânicos, mas extrapolar este conhecimento.

Referente ao controle da vida usa-se o exemplo dos casos hospitalares em que o paciente em coma perdeu as funções cerebrais. Conservado organicamente vivo, por questões de utilidade médica, seus rins, pâncreas, córneas, coração etc. permanecem alimentados e conservados em bom estado para que outros corpos possam beneficiar-se desses órgãos, recebendo o devido transplante e seguindo assim a própria vida. De acordo com Breton (2005), aí está a redivisão do ser humano. Outrora cartesianamente dividido em corpo e alma, hoje se encontra dividido medicamente: as funções biológicas constituem o corpo, enquanto as funções cerebrais definem a alma.

Deste modo, um indivíduo conservado funcionalmente vivo pode ter seus órgãos retirados e transplantados para outros corpos. Com o coração em um corpo, um rim em outro, noutro o fígado e os pulmões em outro ainda: um mesmo corpo fragmentado em vários. É procedimento oposto do utilizado por Victor Frankenstein, na história de Mary Shelley, porém, segue o mesmo princípio: o de que o corpo pode ser dividido e reagrupado, não aleatoriamente, mas organizado – formando um organismo – e assim a vida é capaz de seguir, cessar ou surgir.

Entra aí também a comercialização do corpo-máquina, do qual as peças podem ser retiradas e reutilizadas em outras máquinas, desde que se respeite a hierarquia maquinária ou mecânica. Uma concepção que possibilita também que tais peças sejam ajustadas e trocadas, uma vez detectados os possíveis problemas do equipamento. Portanto, a máquina de produção de fluidos também produz peças e comercializa seus fragmentos para que circulem em outras máquinas, como o corpo refeito, (re?)construído, na *Chance*, que toma não apenas os membros e os órgãos como partes do corpo, mas também a própria memória como peça da maquinaria, já que ela está inscrita no corpo.

Ao ser questionado pela namorada Carla sobre seu conhecimento, Paul a lembra novamente de que certas partes de sua máquina já foram trocadas:

A primeira estrela apareceu.  
“A primeira estrela,” eu disse.  
“É um planeta,” disse ela.  
“Qual a diferença?” perguntei.  
(...)  
“Como diabos você sabe tão pouco?” ela disse. (...)  
“Acho que apenas esqueci,” falei. “Talvez metade de minha memória esteja caminhando por aí em outros corpos (CAREY, 1993, p. 67).

Portanto, aquela atrofia na curiosidade de que fala o narrador no início do conto, explicando que a sociedade em que vivia estava acostumada a não entender, pode ser mais do que uma simples falta de interesse no funcionamento das coisas, ou nos mecanismos que regem o mundo. Pode ser efetivamente um sintoma da mutilação nessa peça da máquina, a memória com lacunas, vazamentos, espaços em branco. A constatação é feita pelo próprio Paul, quando explica que Carla tentara fazer com que ele lesse alguns livros, contudo “cada novo livro que ela [lhe] dava revelava uma centena de espaços em [seu] conhecimento que deveriam ser ligados a outros livros” (CAREY, 1993, p. 67).

Exemplo da comercialização do corpo-máquina é dado por Rabinow e Keck (2008, p. 102-103) falando do caso de John Moore, que moveu um processo contra a Universidade da Califórnia por haver patenteado células produzidas a partir de seu material genético. Isso ocorreu na década de 1970, durante um tratamento, quando o médico descobriu que o tecido do baço de John Moore podia produzir uma proteína capaz de combater o câncer e, sem avisá-lo, produziu outras células a partir desse tecido, patenteou e vendeu. John Moore processou a Universidade e perdeu a causa porque, segundo a decisão judicial, uma vez que as células haviam deixado o corpo do paciente, já não mais pertenciam a ele.

É desse modo que um indivíduo ao passar pela Loteria Genética abdica de suas células, deixando a tecnologia intervir, abdicando assim do próprio corpo, com vistas a receber um novo equipamento genético. A memória permanece “mais ou menos intacta” (CAREY, 1993, p. 57), o que dá a entender que certas partes do corpo anterior seguem pertencendo ao novo corpo para que o indivíduo siga lembrando de si próprio, como mostra o fim do conto, quando Carla reaparece, com seu novo corpo, uma mulher gorda, voltando ao quarto de Paul, como numa despedida antes de partir para a revolução.

O psiquiatra Willard Gaylin (1974) oferece um adendo à “Síndrome de Frankenstein” e à noção maquínica do corpo no artigo intitulado “Colhendo os mortos”<sup>3</sup>.

Publicado em 1974, o artigo sugere a criação de fazendas de novos cadáveres ou bancos de neomortos (aqueles corpos nos quais cessaram as atividades cerebrais), os lugares seriam chamados “bioempórios”. Os corpos ali conservados necessitariam de alimentação e manutenção para serem utilizados como matéria-prima de estudantes de medicina, que utilizariam esses corpos para experimentação de transplantes, injeção de vírus, manipulação de tecidos, teste de medicamentos etc. Os neomortos seriam indistinguíveis de pacientes em coma, porém com a diferença de que já haveriam atingido aquela zona indeterminada chamada “morte cerebral” e, portanto, tecnicamente mortos.

Diz o psiquiatra que há muito tempo já existe uma tradição de bancos de partes do corpo: olhos, sangue, pele, portanto, o banco de neomortos faria apenas ampliar essa situação, com a vantagem de se ter corpos inteiros para a prática médica e, assim, salvar muito mais vidas. Essa idéia não pode ser chamada de “inovadora”, conforme se pode constatar voltando um pouco no tempo e vendo o que ocorria nos campos de concentração, por exemplo. A diferença reside no fato de que hoje se fala abertamente no discurso do avanço da medicina, em nome de um “bem comum”, aquilo que outrora não se ousava dizer tão publicamente. Uma famosa frase de Willard Gaylin aparece mais tarde, em 1997, na abertura do filme *Gattaca: a experiência Genética*: “Não só acho que devemos interferir na mãe natureza, como acho que é isso que ela deseja”.

No conto “The Chance” (1993), não há garantia de que os próprios centros de *Chance* não sejam alguma espécie primitiva de “bioempórios”, afinal o corpo entra nesse lugar e sai diferente, sem saber exatamente por que procedimentos, como se tivesse trocado todas as suas partes por outras, substituído quase todas as peças da máquina. Além disso, comprar um corpo morto, como fez Carla, é uma prática comum e de fácil acesso. Em seu primeiro encontro, Carla explica ao narrador como conseguiu o homem morto que está deitado ao lado dela: “comprei por três IGs [...] o melhor investimento que já fiz” (CAREY, 1993, p. 59).

No Arizona, na década de 1980, teve início o “Movimento pela extensão da vida”. Os chamados *extensionistas da vida*, participantes desse movimento, proclamam que a morte natural é um genocídio, um holocausto, uma afronta, uma contradição em termos e uma forma de chacina contra a humanidade. Afinal, ela mata 50 milhões de pessoas por ano, num ritmo mais rápido do que qualquer doença, guerra ou massacre, é o que clamam os adeptos ao movimento, portanto a morte natural é um crime que deve ser combatido.

Apóia esse movimento, a organização Alcor, que tem sede também no Arizona. Fundada em 1972 com o nome de “Sociedade Alcor pela Hipotermia em Estado Sólido” (*Alcor Society for Solid State Hypothermia*), mais tarde passou a se chamar “Fundação Alcor

pela Extensão da Vida” (*Alcor Life Extension Foundation*). Em 2007, contava com 874 membros e mais de 84 “pacientes” preservados em criogênese, ou suspensão criônica – congelados em nitrogênio líquido a uma temperatura de -196°C. Para os interessados, a fundação oferece duas opções: a preservação do corpo inteiro e a neuropreservação, em que somente a cabeça é congelada. Os pacientes pagam entre 80 e 150 mil dólares para serem conservados congelados após sua morte legal e acreditam que, no futuro, seus cérebros podem ser descongelados e “reiniciados”.

Falando da criogênese, e mais especificamente das cabeças congeladas, Baudrillard (2001, p. 9-10) faz a pergunta que para ele parece inevitável: “por que, já que é assim, eles não preservam uma única célula, ou uma única molécula de DNA” ao invés de congelar a cabeça inteira? A resposta para a pergunta de Baudrillard pode ser encontrada na página de “perguntas mais frequentes” (FAQ), no site da Fundação Alcor (2007) e diz que “o cérebro é um órgão frágil que não pode ser removido do crânio sem ser prejudicado”, portanto, a manipulação deve ser feita na ‘embalagem original’.

Outras questões que podem eventualmente surgir são encontradas na mesma página (FAQ), como, por exemplo: as memórias não serão perdidas se a atividade elétrica cerebral parar? Ou os corpos, quando ressuscitados, serão substituídos por clones? A preocupação com a memória, o corpo e seus clones é efetivamente inexistente no conto “The Chance”, mas figura entre os leigos, ou possíveis futuros “pacientes” da criogênese. Desta vez, quem responde é Baudrillard (2001, p. 31):

não existe nada a temer na clonagem biogeneticamente programada porque, independentemente do que quer que aconteça, a cultura continuará a nos diferenciar. A salvação está nas nossas aquisições: somente a cultura nos preservará do inferno do semelhante.

O paradoxo reside no fato de que, segundo Baudrillard (2000, p. 31), por outro lado, o ser humano é clonado pela própria cultura. A salvação também atira ao inferno. Uma clonagem mental que antecede a clonagem biológica, uma “clonagem social, a reprodução industrial das coisas e pessoas”. No entanto, o filósofo coloca que “o que quer que sobreviva [à manipulação ou simulação tecnológica] poderá ser chamado de verdadeiramente ‘humano’” (Id., p. 21). Porém, há ainda o risco de que se descubra que nada consegue escapar a isso, seria a completa erradicação do humano.

No que diz respeito ao conto “The Chance” (1993), essa “fração humana”, resta sim após cada troca de corpo, uma parte que não está exatamente bem delineada no corpo manipulado, porém é inegável sua permanência ou continuidade. Por conta disso, Paul sabe que seu rosto no momento da narração era “diferente daquele com que [sua] mente havia

começado a viver” (CAREY, 1993, p. 57-58). Carla retorna ao final do conto para despedir-se de Paul; a mulher de nariz-de-gancho se exalta dizendo a Paul que antes da Loteria era uma bela e famosa atriz; e o anão, por sua vez, carrega na carteira sua própria foto, orgulhoso de ter sido um “cara bonito” (Id., p. 71) antes de passar pela Loteria Genética.

## **A FRONTEIRA ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL**

Como acima mencionado, Rabinow e Keck (2008) explicaram a passagem pela genética que permite ao corpo ser visto. Ou seja, é preciso que seja atingido o micro, o DNA, a parte invisível do corpo, para que o macro se torne efetivamente visível. Deste modo, mesmo o invisível torna-se visível: o genoma é visto, enxergado, decifrado e modificado com a ajuda da tecnologia.

É a quebra das fronteiras de que fala Donna Haraway em seu “Manifesto Ciborgue”<sup>4</sup> (1991). Ela diz que o mito do ciborgue aparece precisamente quando as fronteiras – ou limites – são quebradas: as fronteiras entre homem e animal, entre organismo (homem-animal) e máquina, entre físico e não-físico. As fronteiras entre o homem e o animal são desfeitas quando o ciborgue une o ser humano aos outros seres. As fronteiras entre organismo e máquina são quebradas quando as máquinas do final do século XX fizeram com que as diferenças entre corpo e mente, natural e artificial, auto-desenvolvido e o externamente criado não estivessem mais tão certas. “[N]ossas máquinas [...] são perturbadoramente vivas, e nós mesmos assustadoramente inertes” (HARAWAY, 1991, p. 152). As fronteiras entre o físico e o não físico já não são tão distinguíveis, principalmente em função das máquinas que estão por toda parte, iluminando e piscando informação. O não físico é visível. As máquinas são extremamente iluminadas, tanto quando produzem luz. Limpas e claras ao extremo, acabam se tornando difíceis de serem vistas.

Auto-proclamada um ciborgue, Haraway ressalta a invisibilidade das máquinas: são difíceis de enxergar, tanto material quando politicamente e são todas em função da consciência ou da simulação. As novas máquinas não apenas estão entre os seres humanos, são habitados por elas tanto quanto elas os habitam. O *mito* do ciborgue, assim chamado por Haraway, é inteiro sobre a transgressão de limites e fronteiras, inserido, sem dúvida, na tradição fáustica. A cultura *high-tech* desafia os limites colocados pelos dualismos persistentes na tradição ocidental, tais como: eu-outro, mente-corpo, cultura-natureza, civilizado-primitivo, ativo-passivo, verdade-ilusão, total-parcial, deus-homem.

Essa quebra de fronteiras, ou extrapolação de limites, pode se dar no próprio corpo quando se percebe que quase todo ele é passível de manipulação, escapando a esta apenas o cérebro, por enquanto. Manipulação que atinge praticamente todas as partes do corpo-máquina, o corpo no conto “The Chance”, que entra na loteria e sai com as peças trocadas, “com uma idade diferente, um corpo diferente, uma voz diferente” (CAREY, 1993, p. 57).

Uma característica das máquinas colocada por Haraway (1991) pode ser destinada ao corpo: o DNA. As máquinas (ainda) não têm DNA da maneira como ele é encontrado nos seres humanos, porém o não-visível que se torna visível encontra-se também no corpo: a informação. O genoma visualizado na máquina e o corpo que se torna visível ao passar pelo invisível. Ora, o que é o DNA? Informação. E onde fica a informação? Em um corpo. Ressalta-se aqui a estratégia de pensar na noção de corpo como informação (HARAWAY, 1991, p. 47, 62, 85) e não somente isso, mas a noção de que a informação não é propriamente corpo, embora necessite de um corpo para se manifestar, noção esta exposta por Katherine Hayles (1999, p. 49). Assim como a informação necessita de um corpo, o corpo necessita de um lugar, isto é, um lugar de presença, pois a personificação (*embodiment*) é sempre local. Neste sentido, a Loteria Genética modificaria o lugar da informação, transformando a própria informação, o genoma, já que corpo e informação são ligados.

Hayles (1999) diz que a noção de fisicalidade do corpo como dados feitos carne implica numa ligação entre as concepções do DNA que formam o corpo e o código binário que constitui a linguagem computacional. Isso também forma um ciborgue, na medida da interação do corpo com a máquina.

Por outro lado, Paul Virilio (1993) mostra que essa hiper-iluminação, efeito das máquinas, é o que traz a desrealização do real. O único veículo eficaz, para ele, é a imagem. Neste ponto, é importante colocar a perspectiva do observador como construção de uma realidade possível. Em *A Inércia Polar*, Paul Virilio (1993, p. 20-21) toca no assunto, contudo, vai além de uma simples relativização e afirma que é provável “que o estatuto da realidade não resista por muito tempo a esta súbita iluminação dos lugares, dos fatos e dos acontecimentos”.

Uma extrapolação dos limites que é característica da tecnologia contemporânea: fabricar algo vivo, algo monstruoso, como observa Foucault (2008) acerca do excesso de biopoder. Fabricar clones, como a companhia de biotecnologia RNL Bio, que recebeu da norte-americana Bernann McKinney 50 mil libras (R\$152 mil) por cinco cópias idênticas de seu falecido cão de estimação. Reprogramar células, como fez Douglas Melton (2008), que conseguiu "convencer" células vivas do pâncreas de roedores a trocar de identidade e passar

a produzir insulina. Fabricar vida sintética, como Synthia, o organismo sintético construído em laboratório pela a equipe do empresário-pesquisador Craig Venter (2008). Fecundar óvulos sem fertilização ou clonagem, como fizeram os cientistas do Instituto Roslin, na Escócia, que criaram os partenotos, embriões resultantes da parentoênese induzida, usando óvulos doados por mulheres e estimulando-os com impulsos elétricos e substâncias químicas. Fabricar seres híbridos, como fizeram pesquisadores de uma equipe de cientistas da Universidade de Newcastle, na Grã-Bretanha, que inseriram material genético retirado de células humanas no óvulo de uma vaca, cujo material genético havia sido previamente removido, resultando em um embrião 99,9% humano e 0.01% bovino. Ou os cientistas da Universidades da Pensilvânia e da Califórnia, que conseguiram fazer com que ratos produzissem espermatozoides de macacos por meio do transplante de tecidos dos testículos dos animais. Ressuscitar o coração, como os pesquisadores norte-americanos que anunciaram ter conseguido fazer com que corações de ratos mortos voltassem a bater em laboratório. Trocar de corpo a cada 6 meses mediante intervenção tecnológica alienígena, como fazem os personagens de Carey no conto “The Chance” (1993). E, por fim (?), virá a extensão da vida – a vida além da morte, ou além da própria vida.

## NOTAS

- <sup>1</sup> As traduções de “The Chance” para o português são de minha responsabilidade.
- <sup>2</sup> Expressão usada por Foucault para se referir, em linhas gerais, ao governo dos outros. Ver mais em O Nascimento da Biopolítica.
- <sup>3</sup> As traduções do artigo “Harvesting the dead” presentes neste texto são de minha responsabilidade.
- <sup>4</sup> Todas as traduções de “A Cyborg Manifesto” aqui utilizadas são de minha responsabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. *Ilusão vital*, A. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.
- BEST, Steven; KELLNER, Douglas. *The postmodern adventure: Science, technology and cultural studies at the third millennium*. New York: The Guilford Press, 2001.
- BRETON, David Le. Síndrome de Frankenstein, A. In: *Políticas do Corpo*. Organização Denise Bernuzzi de Sant’Anna. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- CAREY, Peter. The Chance. In: *The fat man in history*. New York: Vintage Books, 1993.



FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*, O. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade, A, v.1: *a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GAYLIN, Willard. *Harvesting the Dead*. Harper's Magazine. Nova York, p. 23-30, setembro de 1974. Disponível em <http://faculty.uccb.ns.ca/philosophy/222/pdf%20files/winter%20stuff/9death.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2008.

HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

HARAWAY, Donna. *A cyborg manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*, 1991. Available at <<http://www.stanford.edu/dept/HPS/Haraway/CyborgManifesto.html>>. Acesso em 27 de agosto de 2006.

RABINOW, Paul; KECK, Frédérick. Invenção e representação do corpo genético. In: *História do Corpo*, v.3. Direção de Alain Corbain, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello. Tradução e Revisão Ephraim Ferreira Alves. RS: Vozes, 2008.

VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

## REFERÊNCIAS LINKOGRÁFICAS

<http://www.alcor.org/index.html>, acessado em 03 de novembro de 2008.

<http://www.alcor.org/>, acessado em 09 de novembro de 2008.

<http://www.cti.furg.br/~marcia/video-gattaca.htm>, acessado em 02 de novembro de 2008.

<http://www.e-dna.com.br/testepaternidade/o-que-e-genoma.php>, acessado em 02 de novembro de 2008.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u429760.shtml>, acessado em 09 de novembro de 2008.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u438728.shtml>, acessado em 09 de novembro de 2008.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u308276.shtml>, acessado em 09 de novembro de 2008.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u366879.shtml>, acessado em 09 de novembro de 2008.

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2005/09/050910\\_fecundacaoml.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2005/09/050910_fecundacaoml.shtml), acessado em 09 de novembro de 2008.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u363324.shtml>, acessado em 09 de novembro de 2008.

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/04/080402\\_cienciaembriaohibrido\\_np.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/04/080402_cienciaembriaohibrido_np.shtml), acessado em 09 de novembro de 2008.

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/02/040204\\_ratocl.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/02/040204_ratocl.shtml), acessado em 09 de novembro de 2008.

<http://74.125.47.132/search?q=cache:5acIRF4HUlgJ:www.anvisa.gov.br/sangue/simbravisa/Declaracao%2520Bioetica%2520e%2520Direitos%2520Humanos%25202006.pdf+declara%C3%A7%C3%A3o+universal+genoma+garrafas&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=5&gl=br>

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

HAYLES, N. Katherine. Introduction: Complex Dynamics in Literature and Science. In: *Chaos and order: complex dynamics and literature and science*. London: The University of Chicago Press, 1991.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

VIRILIO, *O Espaço Crítico*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2005.